

O açúcar polui o ar? Por que está tão quente?

Érica Freitas Sobrinho

Tenho 28 anos de idade, casada e mãe de gatos. Sou estudante de Ciências Biológicas Licenciatura. Amo viajar e me aventurar por lugares aconchegantes como a Natureza. Serei Zoóloga de profissão, amo os felinos;

Frederico Wolfgang Gonzalez Canejo

Tenho 24 anos, sou estudante de ciências biológicas. Gosto muito de animais, jogos eletrônicos e carros antigos. Também gosto muito de aprender coisas novas, inclusive ferramentas e softwares que posso usar na biologia, atualmente estou aprendendo a mexer com morfometria geométrica. Trabalho com insetos, mas não sei se seguirei minha carreira com eles, penso que sim, acho que não;

Júlia Robert de Sousa Teixeira

Sou técnica em controle ambiental e bióloga/professora em formação. Melhor momento é aquele em que sento na areia e olho para o mar. E o segundo melhor é aquele onde a gente pode compartilhar experiências com quem amamos seja onde for;

Lucas Gomes dos Santos

Sou estudante de Ciências Biológicas Licenciatura, sou um amante da natureza desde que me entendo de gente, amo desenhar nas horas vagas, esse meu hobby me fez trabalhar como tatuador. Tenho uma paixão pelo mar e os reptéis, áreas que pretendo seguir na biologia;

Tayana de Macedo

Sou técnica em histopatologia, trabalho com diagnóstico e pesquisa para tratamento de câncer, estudante de licenciatura em Biologia, terapeuta em ginecologia natural, florais da lua e reiki maheoo nas horas vagas. Aprendiz de raizeira. Tentando caminhar a fala junto a quem veio antes, honrando a natureza que me nutre e me enchendo da arte que tanto me encanta.

10

Considerando o contexto atual de pandemia devido ao Covid-19, causado pelo novo coronavírus, a situação de quarentena foi decretada pelo governo brasileiro, a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 e a Medida Provisória Nº 934, de 1º de abril de 2020, determinaram que as aulas presenciais poderiam ser substituídas por aulas no modelo remoto. Dessa forma, todas as escolas, alunos e professores que estavam em ensino presencial tiveram de se adaptar a um novo jeito de aprender e de ensinar. Porém, como todos foram pegos de surpresa, o atual ensino brasileiro não se demonstrou adaptado para tal modalidade virtual e diversas dificuldades ocorreram durante esse ano, como a falta de preparo prévio dos professores e direção dos colégios e a falta de acesso às tecnologias de muitos alunos.

O nosso grupo buscou propor um projeto que chegasse a todos, ou pelo menos a maioria dos alunos. Como não pudemos visitar a escola nem ter o contato presencial com os alunos, nós buscamos o máximo de informações com nossa supervisora, que também se disponibilizou a entregar material impresso aos alunos que não possuíam acesso à internet, que nos orientou para poder planejar uma atividade que considerasse a realidade da maioria dos alunos. A inter-

venção que planejamos foi intitulada “O açúcar polui o ar? Por que está tão quente?”, em que partimos da usina de produção de açúcar e etanol localizada no município de Arês/RN, sendo orientados pelas experiências dos estudantes do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental.

Apesar da pouca experiência com materiais digitais, a nossa motivação em levar um pouco de conhecimento de forma mais acessível para esses alunos foi nosso combustível para essa jornada, além de auxiliar os educadores no uso das mídias sociais como ferramenta ativa de ensino. Sabemos que a educação presencial nas escolas públicas é bastante limitada e com poucos recursos, isso se agravou ainda mais devido à pandemia. Lidar com essa triste realidade nos fez aceitar o desafio de tornar o conhecimento mais igualitário mesmo com tantas diferenças sociais.

Acreditamos que um dos nossos maiores desafios foi como iríamos conhecer o local para aplicarmos nosso projeto. Como íamos colher as informações para ter ideias de por onde começar? Foi desafiador coletar as informações necessárias para que pudéssemos planejar nossa atividade sem nem ao menos conhecer a comunidade em torno da escola. O sentimento de “*expectativa versus realidade*” nos modificou



Produção de açúcar e etanol

Foto pela equipe

de dentro para fora, tentamos capturar algo por passeios pelo *Maps* conhecendo a região, conversas com a supervisora e discussões acerca do que seria apropriado e, principalmente, se iria fazer sentido diante da realidade que nós nunca pudemos vivenciar.

A partir das conversas que tivemos junto à supervisora que nos acompanhou durante todo o desenvolvimento do projeto, pudemos entender um pouco sobre a região, sobre os alunos, um pouco sobre a escola e, assim, partimos para realizar pesquisas e entender de que forma poderíamos atuar, tendo como objetivo aproximar o conhecimento científico da realidade da comunidade. Após esse primeiro desafio, o próximo passou a ser como escolher a melhor metodologia que nos aproximasse da maior quantidade de estudantes, mesmo não podendo estarmos juntos presencialmente.

Realizamos um vídeo de apresentação para que os alunos nos conhecessem um pouco, e pedimos a eles qualquer sugestão do que gostariam de aprender. Relacionamos as queimadas ao Efeito Estufa influenciando no aquecimento global, tomando como ponto de partida uma usina de açúcar e etanol localizada na região, conhecida por muitas famílias da cidade que, inclusive, dependem dessa fonte de renda.

Outro desafio foi o de não abordar a usina como uma vilã, pois sabemos que ela possui uma influência direta na vida da comunidade.

Outro ponto a ser destacado é o da utilização de vídeos. A linguagem dos vídeos é diferente da linguagem utilizada na sala de aula, além de não termos o feedback dos alunos em tempo real, se faz necessário já considerar as possíveis futuras dúvidas dos estudantes a fim de proporcionar um vídeo de fácil compreensão. Além da própria gravação, tivemos que lidar com os recursos de edição e elaborar uma forma de feedback para que tivéssemos um retorno dos estudantes. E esse retorno, que para nós estagiários é um dos pontos mais importantes (a interação, o saber o que os estudantes acharam, o que entenderam), infelizmente foi bem difícil e angustiante.

Por mais que nós já utilizássemos recursos digitais nas disciplinas, esse projeto de intervenção foi um desafio. Aprendemos a utilizar novas ferramentas para possibilitar maior diversidade na produção do conteúdo. Tivemos que superar a timidez em mostrar nossos rostos nos vídeos, pois mesmo que nós já fizéssemos isso em uma aula presencial, com o vídeo é diferente. Quando compartilhado, não é mais de nossa posse e com isso também vem a questão

O açúcar polui o ar?



Por que está tão quente?



Foto pela equipe

da responsabilidade de elaborar um material de qualidade. Aprendemos também a trabalhar da melhor forma mesmo com a escassez de dados e informações: conseguir levantar as características do local de vivência dos alunos sem ao menos ter ido lá foi bastante difícil, e nos mostramos capazes de trabalhar bem com poucos recursos.

Ficamos apreensivos quanto ao retorno do questionário aplicado aos alunos exatamente pela possível dificuldade que encontrariam em acessá-lo. Porém pensamos numa versão impressa que também pôde ser aplicada pela Supervisora, que tão logo nos enviou as respostas. Por meio dele, pudemos analisar como as aulas foram aproveitadas, que questões despertaram mais dúvidas e também quais ficaram mais claras e foram melhor fixadas pelos estudantes. Assim, a experiência foi nova e desafiadora, mas muito válida.

Ser professor é sempre um ato de desafiar a si mesmo, diante das inúmeras e diversas realidades, principalmente, no Brasil. Ser professor em tempos de adversidade é possibilitar um processo de ensino e de aprendizagem com poucos recursos, sendo corajosos para transpor barreiras em busca de uma educação que traga significado e dignidade ao estudante.
